

A GRANDE SECA DE 1877-1879 NO NORDESTE : A LÍNGUA PORTUGUESA SUPLANTA O NHEENGATU NA AMAZÔNIA

Apesar das proibições de Pombal, na metade do século XVIII e da Cabanagem, que fez morrer milhares de caboclos e índios destribalizados falantes da língua geral, esta continuou a ser falada em grande parte da Amazônia ainda por mais de um século, superando largamente a língua portuguesa. Foi somente com as grandes migrações de nordestinos na década de setenta do século XIX que o português se impôs como a língua dominante naquela região do Brasil, fazendo o nheengatu ser língua minoritária:

“A emigração em larga escala se inicia com a grande seca, de 1877 a 1879, a qual deixou memória em toda a região até os dias de hoje. Três anos seguidos sem chuvas, sem semeaduras, sem colheitas, os rebanhos morrendo, os homens fugindo para não morrer. É verdade que, em secas anteriores, haviam-se registrado emigrações para além das fronteiras da província que era a principal vítima da falta de chuvas, o Ceará. João Brígido afirma que, na seca de 1792, emigrações houve das fronteiras do Ceará para as terras úmidas do Piauí, e que o êxodo dos sertanejos adquiriu maiores proporções em 1825, estendendo-se até o Pará. Reconhece, porém, que só se torna intensa - “intensíssima” - depois de 1877.

Agora, atraía o emigrante o surto da borracha na Amazônia. E aberto o caminho, a emigração não cessa mais até o fim dessa aventura econômica. Estima-se que, num só ano, em 1878, a população deslocada do interior do Ceará totalizou 120.000 pessoas, quando a população total da província era de pouco mais de 800.000 habitantes. (...)

Fazendo um cálculo global dos emigrados cearenses nos anos de estiagens (sem contar os de outros estados nordestinos...) R. Teófilo calcula que mais de 300 mil foram povoar a Amazônia até o ano de 1900. Tudo indica que esta cifra foi bem maior, aproximando-se, talvez, do meio milhão, se não mais.

(...)

Mas essa transferência maciça de mão-de-obra numa população extremamente rala, que orçava por um milhão de habitantes, não cessa no fim do século. O chamado “ciclo da borracha” duraria, ainda, mais de uma década em plena florescência, contribuindo com 30% do valor da exportação nacional ao atingir o seu apogeu.

A Amazônia continuava a atrair como miragem os pobres sertanejos nordestinos, que iam morrer de febre em suas florestas exuberantes, nos seringais que alimentavam nababos a estadar riquezas em Manaus, Belém, nas capitais da Europa... Em 1900 abandonam o Ceará 40.000 vítimas da seca. Ainda em 1915, de cerca de 40 mil emigrantes que saem pelo porto de Fortaleza, 8500 tomam o destino do Sul e 30 mil se dirigem pelo caminho habitual, o do Norte...”

(in Cangaceiros e Fanáticos, de Rui Facó)